

do poder, façam ouvir a sua voz authorisada perante o parlamento, onde se sentam alguns membros distinctos da classe medica.

É tempo de cuidar-mos nos nossos interesses profissionaes, e de pugnarmos pela independencia, illustração e dignidade do corpo medico brasileiro; não se trata só dos interesses de uma classe; trata-se principalmente dos nossos credits scientificos como povo civilisado, e das garantias que as nossas qualificações profissionaes possam offerêcer á saúde das populações, e ao bem estar da sociedade que nos acolhe em seu seio, e que confia no nosso auxilio nos momentos d'angustia.

TRABALHOS ORIGINAES.

NOTA SOBRE A DROGA UIRÁRY, OU CURÁRE, APRESENTADA Á ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE STOCKOLMO.

Pelo Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, do Pará (1).

—*Uirary* em lingua tupy ou tupynambá, mais vulgarmente conhecida por lingua geral, quer dizer *veneno de frécha*, porque delle usam os gentios ou selvagens do sertão da America Meridional, especialmente os que habitam o centro das Guyanas pelos rios Oreôco e Cassicuiára, e o interior do Amazonas, para envenenarem as pontas desses instrumentos, que elles empregam nas suas guerras contra outras hordas de selvagens, ou tambem nos seus exercicios venatorios e piscatorios.

Gosa este veneno, além do mencionado nome indigena, de outro muito familiar e comezinho, *hervadura*, pelo qual é conhecido em todas as povoações do grande rio Amazonas, isto em virtude de ser a sua composição procedente de uma ou mais hervas toxicas.

Na sciencia porém o nome, pelo qual é mais conhecido, é o de *curáre*, certamente corrupção do vocabulo tupinico *uirary*. A escola franceza é quem mais tem generalisado esta denominação em seus livros.

Os inglezes e allemães chamam-lhe *woorara*, *woorari*, *wourari*, *wooraru*, *wurali*, *wourali*, *ourari*, *ourary*, *voorára*, *vourary*, corrupção linguística como aquella outra, acompanhada porém do indefectivel, guttural, e saxonico *W*, e adoptada cada uma por seu autor.

Em Surinam, ou na Guyana Hollandeza, dão a este mesmo veneno o nome de *woorama*.

No Alto-Amazonas, ou Solimões, ainda hoje muita gente lhe chama *ticúna*, porque assim o denominavam os missionarios em épachas

(1) Este trabalho foi publicado no *Diario do Gram-Pará* e deve-mol-o á bondade do seu autor.

(Nota da Redacção.)

idas, quando observaram o frequente uso, que delle faziam os gentios da tribu *Tucúna* ou *Tycúna*, habitadores das margens dos rios Içá, Yapura, e outros, que se deslisam pela fertil e magestosa região amazonica.

A historia deste veneno tem sido até nossos dias por demais encoberta, e obscura, e sempre cercada do véo do maravilhoso. O primeiro que o fez conhecido na Europa foi Walter Raleigh em 1595, dizendo ser extrahido, segundo Salvador Gilius d'um fructo chamado *picúdo*, ou *picêdo*. De Paw assegura ser extrahido d'um cipó, ou trepadeira dos mattos. Humboldt diz, que se extrahê d'uma arvore *strychnos*, a que os crioulos de Cayenna chamado *bejúcu de mavacure* ou *bejúcu grim pant*, mixturado com o succo d'outra arvore denominada *kiracaguera*. Alguns viajantes tem feito acreditar, que a este preparado ajuntam os indios venenos de serpentes, cobras, formigas e grandes sapos, e d'outras plantas deletéreas. (De Candolle, Watterton, Gondot, et.) De la Condamine foi quem levou á Europa maior copia deste veneno, contido nas pontas de fréchas, o qual foi submettido a sérios estudos e observações.

Brancroft considera o *ticúna* como distincto do *curáre*, o que é um completo engano; e acrescenta, que a sua confecção é feita com trinta especies diferentes de raizes e hervas, o que é outro erro ou falsidade.

O que em tudo isto ha de real é unicamente, o ser o *uirary* ou *curáre* extrahido d'um cipó ou planta *trepadeira*, silvestre, como assevera De Paw, a qual é do genero *strychnos*, como pensa Humboldt. Tudo o mais é gerado pelo espirito d'exageração dos viajantes, sempre avidos de novidades, ou pela malicia, e superstição dos indios, que com quanto ignorantes capricham em enganar aquelles que os visitam, e procuram em suas floréstas, ministrando-lhes dados, e informações erradas, ou falsas.

O Sr. Cl. Bernard em a sua estimavel obra —*Léçons sur les effets des substances toxiques et medicamenteuses*—nutre sérias apprehensões sobre a natureza deste veneno, não podendo affirmar, se a sua origem será vegetal ou animal. Posso assegurar ao illustrado, e sabio physiologista, que é exclusivamente vegetal.

Por muito tempo divagou-se sobre a determinação exacta da familia botanica, a que devia pertencer este vegetal. Chegou-se a acreditar, que era do numero das *sapindaceas*, genero *paulinia* (Duchésne). Disse-se, que era da familia *ménispermica* (Weddell). Conheceo-se porém depois, que pertencia ás *strychnéas*; e hoje é fóra de duvida, que a sua familia natural é a *loganiácea*, genero *strychnos*. Por algumas informações inexactas fornecidas por pes-

soas, que haviam visto este vegetal, cheguei a persuadir-me por algum tempo, que elle seguramente pertenceria á familia das *euphorbiaceas*. Hoje porém tenho mudado de opinião, em consequencia de haver observado algumas das suas flôres, folhas, e fructos, que me foram mandados de Tefé, e colloco-me ao lado do distincto naturalista Dr. Martius, que o classificou na familia das *loganiáceas* sob a denominação de *strychnos toxifera* (Schomburgk).

Não posso fazer a descripção botânica deste vegetal, como desejava, por terem vindo mal acondicionadas as ditas folhas, flôres, e fructos, e em estado de não servirem para uma observação completa, e segura.

O *strychnos guyanensis*, ou *rouhamon guyanensis* (d'Aublet), e o *strychnos castelnaeana* (de Weddell), ambos fornecem igual veneno; e estes ou são o mesmo vegetal mal apreciado, ou outros da mesma familia mui visinhos.

É pois o *uyrâry* ou *curâre*, um cipó ou trapadeira, que cresce espontaneamente pelas florestas virgens do Alto-Amazonas e Guyanas; é grosso, de casca escabrosa e aspera; tem as folhas á imitação das da maniva (*jatropha maniot*). Da sua casca servem-se os indios para a manipulação da *hervadura*, ou veneno *curâre*. Utilizam-se della depois de colhida algumas semanas, por quanto parece menos energica a sua acção venéfica em quanto fresca, o que é facil d'explicar-se, por via da presença da agua de vegetação. Raspam a casca, e a entrecasca, miudamente com uma faca; contudem as raspas ou filamentos sobre uma pedra; maceram esta massa em agua fria, mas pouca; por alguns dias; extrahem por expressão por meio de um *typyti*, (2) e depois por filtração através d'uma peneira tôsea, chamada *urúpema* (3) feita de talas de uárumá ou guárumá, todo o liquido da digestão, o qual sahe de côr amarella, ou tambem por meio d'uma especie de filtro feito de folhas do matto á maneira de funil, por onde o liquido vai correndo gôtta a gôtta com bastante vagar; poem-no ao sol por alguns dias, para se evaporar a agua superabundante, e alcançar-se depois melhor ao fogo a inspissação do extracto aquoso, que se apresenta com uma consistencia viscosa, e pelo resfriamento torna-se solido, de côr negra, d'aspecto resinoso semelhante ao opio. solúvel na agua, e no alcool, de facil precipitação pela noz de galha. Muitas vezes para augmentarem a força do veneno, ou para melhor engrossarem o extracto,

(2) É um instrumento ou machina, de feiço tabular em fórma de manga, feito de talas de uárumá ou guárumá, elastico que serve para expremmer.

(3) Mando uma *urúpema* e um *typyti*, para melhor conhecimento.

ajuntam-lhe succos de outros cipós e plantas, tambem de natureza toxica.

Assim preparado o *curâre* dura annos, e o guardam e conservam em panelinhas de barro cozido e não vidrado, ou em cabacinhos feitos dos pequenos fructos da *cucieira* (*crecidentia cuieté*). Pensam no entanto os indios, que esta droga se enfraquece em suas virtudes venéficas com o correr do tempo, e por isso a vigorizam d'espacos a espacos, levando-a de novo ao fogo, e adicionando-lhe alguma porção do succo fresco do mesmo *uyrâry* para a fortificar, processso este a que elles chamam *temperar o veneno*. Pouco porém se deve acreditar em semelhante pratica á vista das experiencias feitas pelo distincto physiologista o Sr. Cl. Bernard, que demonstram o contrario. Parece haver em tal crença dos indios um prejuizo inveterado pelas tradições. Os indios do Amazonas dão preferencia ás panelinhas de barro, e cada uma poderá contêr uma onça, pouco mais ou menos, do dito veneno (4). Este é reputado no commercio como o de melhor qualidade, e verdadeiro. Os indios do Rio Negro, Orénôco, Cassicuiára e outros, uzam dos cabacinhos para vazilhas, porém este não goza de grande credito. No entanto d'um e d'outro não pouco apparece falsificado. O *curâre* é droga rara, e de mui difficil acquisição.

Este é o processo hoje geralmente uzado, com pequenas modificações, tanto nas *malôcas* dos gentios, como nas *aldias* dos indios, que já estão domesticados, e em contacto com a sociedade dos brancos. Por algum tempo acreditei, por assim m'o haverem assegurado, que este extracto não era adquirido por meio do lume, e sim a frio pela evaporação solar. Era isso um erro, em que eu laborava, e em que ainda labóra muita gente, pensando que o fogo destróe o elemento acenarcotico, e por tanto a energia, e força toxica do succo vegetal. Este prejuizo tem sido incutido pelos proprios selvagens, os quaes dizem, que o lume inutilisa a virtude do veneno. No entanto é fóra de toda a duvida, que o fogo, isto é o calorico, não aniquila a propriedade toxica do *curâre*; e isto mesmo o confirma a maneira da sua fabricação, a qual é por meio do lume. Tambem nos inclinamos a pensar, que á humidade, para a qual esta droga tem alguma affinidade, pouco ou nada a prejudica em suas virtudes deletéreas.

A analyse chimica tem demonstrado abundar esta droga em um principio extractivo especial, extremamente amargo, o qual se apresenta á vista em massas translucidas, d'um amarello pallido, deliquescente, não crystallisavel,

(4) Mando uma panelinha do veneno.

solúvel na água, no alcohol, no sangue, na saliva, no succo gastrico, na urina, emfim em todos os líquidos animaes ácidos, ou alcalinos,—insolúvel no éther, e na essencia de terebenthina, —córando em vermelho pelo acido azotico concentrado, e em láca-carmim pelo acido sulfurico, a *curarina*, que os distinctos physiologistas os Srs. Cl. Bernard, e Prayér, acabam d'annunciar ao mundo scientifico ser quasi vinte vezes mais activa do que a *curdre*. Contém além disto materia gordurosa, resina e materia corante rubra. Os chimicos Roulim, Pelouze, Boussingault, Petroz e Pelletier, que o hão examinado successivamente, nunca poderam encontrar-lhe alcali algum crystallisavel. (Ann. chim. phys. T. 39, pag. 24, e T. 40, pag. 213).

Com esta substancia amollecida pela agua costumam os indios *hervar*, ou *envenenar*, as pontas ou extremidades das suas fréchas, as quaes ora são guarnecidas de pennas na extremidade opposta, ora não; e servem para serem arremçadas a grandes alcances por meio de arcos, já por elevação descrevendo parabolás, já horisontalmente.

Da mesma fórma envenenam umas pequenas talas, que arremégam com o sópro da boca de dentro de zarabatanas, e as empregam na caça. As zagaias, curabís, cuidarús, macanans e tamaranas, que são outros tantos instrumentos offensivos e defensivos, de que elles se servem nos combates, tambem muitas vezes são hervados.

(Continúa)

RESENHA THERAPEUTICA.

Paracary contra as mordeduras de cobras.
O Sr. Dr. Aquino da Fonseca, em data de 21 de janeiro ultimo communicou ao *Diario de Pernambuco* o seguinte:

« O Sr. Dr. Joaquim de Aquino Fonseca remetteo-nos ante-hontem a seguinte receita contra as mordeduras de cobras:

« Na provincia do Pará, onde são frequentes as mordeduras de cobras, mesmo das de *casavel*, já ninguem recorre ao facultativo. Isto diz o distincto Dr. Silva Castro, que nos merece inteira confiança.

« Ha alli, como aqui, uma planta, que está ao alcance de todos, conhecida n'aquella provincia sob a denominação de—*paracary*—, e n'esta sob a de—*melladinha*—. Colhe-se uma porção de folhas d'essa planta em quantidade sufficiente a dar depois de pisada e espremi-da meia chicara de succo; junta-se a essa meia chicara de succo igual quantidade d'agua fria, e dá-se isso ao mordido, e sobre a ferida applicam-se as folhas pisadas e espremidas.

Quando estas estão seccas, applica-se nova quantidade de folhas, e isto basta.

« Isto mesmo, segundo nos dizem, já foi experimentado aqui com feliz exito.

« Ha um opusculo publicado pelo Dr. Silva Castro, que d'isto trata medicamente.»

Não conhecemos o trabalho do Sr. Dr. Silva Castro sobre o emprego do *paracary*, nem o Sr. Dr. Aquino indica os caracteres e o nome botanico d'esta planta. Trasladamos para aqui a noticia para que fique archivado mais um meio therapeutico aconselhado para combater o terrivel veneno das nossas peiores serpentes.

Entendemos, entretanto, que para casos tão urgentes como sejam os de mordeduras de cobras, deve haver a maior prudencia em aconselhar ao povo outros meios que não os reconhecidamente efficazes, afim de que se não perca tempo, nem se prefiram aos já conhecidos como capazes de neutralisar o veneno, ou impedir a sua absorpção os ainda não sancionados pela experiencia profissional.

Muito estimariamos conhecer o indicado trabalho do nosso illustrado collega do Pará, a quem a materia medica nacional já deve tão importantes accrescimos.

Absorpção dos medicamentos pelas fossas nasaes. No *Escholiaste Medico* lemos que este modo de administração dos medicamentos foi ultimamente objecto de uma nota dirigida á academia das sciencias de Paris, pelo Sr. Raumbert. « Nas nevralgias dentarias, infra orbitarias, frontaes, e nas cephalalgias em geral, este medico diz ter prescripto com vantagem o chlorhydrato de morphiina misturado ao assucar em pó, ou mesmo a morphiina até a proporção de 1 por 20, para tomar ás pitadas. »

Tratamento do strabismo sem operação.
Com este titulo a *Gazeta Medica de Lisboa*, extrahindo da *Gazette médicale de Paris*, diz o seguinte:

« Diz o Sr. Holthouse em uma memoria que a paralyia de um dos musculos do olho, de que póde resultar o strabismo temporario, tem ás vezes sua origem no cerebro ou nos nervos. As mais das vezes a séde da lesão reside nos nervos ou em suas visinhanças, e esta lesão é de natureza rheumatica ou syphilitica, o que permite tratar o strabismo por meios internos. Em apoio d'esta opinião refere o author a observação de um homem de 30 annos, atacado de um strabismo convergente paralytico, de origem intracraniana e nervosa, devida a uma periostite syphilitica